

# Hospitalidade Pública: Estudo sobre a “Praça Gustavo Teixeira” – São Pedro, SP

Clarissa Campos Quiararia<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo analisar a hospitalidade pública, por meio da dimensão da legibilidade, na Praça Gustavo Teixeira – Estância Turística de São Pedro, SP. Foram interpretados, dentro da dimensão da legibilidade, itens como: área verde, mobiliário urbano, espaço para lazer e identidade cultural. A hospitalidade fundamenta-se na aproximação de culturas, hábitos e indivíduos diferentes. A praça enquanto espaço turístico urbano possui referenciais simbólicos que valorizam os ambientes naturais e culturais do município, além de sua imagem turística. Autores como Camargo, Cruz, Dencker, Gottman, Grinover, Lashley, Montandon ampararam o aporte teórico. Imagens do local em diversas épocas complementaram as análises. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: pesquisa bibliográfica e levantamento fotográfico. Os resultados mostram que a hospitalidade pública, baseada na legibilidade, existe fisicamente. Porém, a fim de enriquecer o estudo, faz-se necessária uma pesquisa acerca da percepção dos usuários – moradores e turistas.

**Palavras-chave:** Hospitalidade pública; Legibilidade; Praça; São Pedro – SP.

## 1 - Introdução

Nota-se que nas últimas décadas o turismo se firmou como atividade terciária nas sociedades desenvolvidas, tornando-se, dessa forma, um fenômeno social, cultural e econômico. O turismo urbano, atividades nos espaços das cidades, ganha força nesse contexto e o movimento de produção e consumo urbano intensifica-se. Para Silva (2004) a atividade do turismo, expressão da divisão entre trabalho e lazer, compreende “não só uma divisão de tempos como de lugares”.

De uma forma natural, a relação entre turismo e espaços se estabelece. Bens, imagens, signos e símbolos do turismo são disponibilizados e consumidos nos lugares considerados turísticos. Silva (2004) afirma que tudo pode ser de interesse do turista e elementos naturais, ruas, edificações transformam-se em objetos de consumo.

Para Grinover (2009), a essência da hospitalidade passa pelo papel da cidade, pois relações de receptividade e integração entre moradores e visitantes acontecem nesse cenário. Elementos sociais, culturais, históricos, econômicos e ambientais tornam a cidade hospitaleira ao proporcionar a interação, o acolhimento e relações sociais entre morador e visitante.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Turismo; Professora Horista no Centro Universitário SENAC; Secretária de Turismo de São Pedro SP; <http://lattes.cnpq.br/0982790829307941>; [clara\\_quiararia@usp.br](mailto:clara_quiararia@usp.br)

O nível da hospitalidade em uma cidade pode ser analisado por meio de três dimensões: acessibilidade, legibilidade e identidade, tendo como base o tempo e o espaço. (GRINOVER, 2007).

Por legibilidade compreende-se a qualidade visual de uma cidade, de um território, examinada por meio de estudos da imagem por seus habitantes. Pretende-se indicar a facilidade com que as partes de uma cidade podem ser reconhecidas e organizadas de uma maneira coerente.

Cabe, ainda, à legibilidade estudar: reformas e revitalizações físicas; reformas sociais e culturais; inclusão das artes locais, tradições, culinária e a permanência da história local. (GRINOVER, 2007).

Nesse estudo, em específico, a legibilidade norteará a análise das funções físicas da Praça Gustavo Teixeira, em São Pedro SP: área verde, mobiliário urbano, espaço para lazer e identidade cultural.

A Estância Turística de São Pedro localiza-se no centro do Estado de São Paulo, a 180 km da capital, com aproximadamente 35.000 habitantes. A economia local baseia-se na agropecuária, indústrias e serviços, essencialmente do setor turístico. Em 1979 recebeu o título de Estância Turística e atualmente os segmentos de aventura, natureza e cultura movimentam a atividade. (SANTOS, 2009).

## **2 - Hospitalidade e suas dimensões**

A prática da hospitalidade teve início na antiguidade como uma dimensão sagrada. Ao surgir, uma vez, a possibilidade de o hóspede ser Deus, forasteiros deveriam ser recebidos com alimento, calor e acomodação. Fazendo parte dos costumes, havia a troca de presentes e, somente após esse rito, o hóspede seguia sua odisseia, seguindo os pressupostos de Homero. (MONTANDON, 2011).

As relações estabelecidas por meio do encontro promovido pela hospitalidade não se restringem apenas a oferta de pouso e alimento, resultam, inúmeras vezes, na formação de um vínculo social – uma vez estabelecida a relação humana. Valores como solidariedade, caridade e fraternidade estão intrinsecamente ligados a essas relações.

Variáveis como tempo e espaço propiciaram profundas mudanças nos conceitos e nas práticas de hospitalidade. Houve um distanciamento do aspecto incondicional. (GOTMAN, 1997).

Laços sociais se consolidam, em meio a convivência solidária e a cortesia, nos lugares de hospitalidade. Esses são, ainda, lugares de memória e identidade do patrimônio, e potencializam a relação visitante anfitrião por meio do acolhimento.

Camargo (2004, p.52) define hospitalidade:

[...] pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural.

Duas são as vertentes de estudos que originaram as pesquisas sobre hospitalidade:

1 – Francesa: fundamenta-se nos conceitos de hospitalidade pública e doméstica, baseadas nos princípios de “ir e vir” e “dar-receber-retribuir”. Vinculados a essa escola estão os teóricos franceses, ligados diretamente aos centros de pesquisas da Universidade de Paris. Para os sociólogos Anne Gotman e Alain Caillé a hospitalidade é “um conjunto de leis não escritas que regulam o ritual social e cuja observância não se limita aos usos e costumes das sociedades ditas arcaicas ou primitivas”. (CAMARGO, 2004);

2 – Americana: hospitalidade interpretada como fenômeno fundamentalmente comercial. Relação alicerçada em um contrato estabelecido entre hóspede e anfitrião. Relação empresa-cliente é fundamentada nos princípios de normas, legislações e regimentos. (CAMARGO, 2004).

Com o surgimento de diversas contradições, recentemente inúmeros teóricos internacionais têm expressado interesse pelo tema e trabalhado a fim de estabelecer novos pontos de contato, conflito e interação entre as escolas anteriormente citadas. Estudos britânicos colaboraram com algumas publicações que têm sido de extrema importância para a área, dentre elas *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. (LASHLEY e MORRISON, 2004).

Após diversas análises, envolvendo conceitos das escolas Francesas e Americanas, constatou-se que a hospitalidade não se restringe apenas à relação de troca, reciprocidade, sua essência maior. Lashley e Morrison (2004) definem hospitalidade sob o olhar de diferentes domínios: social, privado e comercial. Tais domínios, apesar de estarem intimamente ligados, se distinguem por algumas peculiaridades.

Camargo (2004) descreve que esses domínios partem da existência de duas categorias de variáveis: *tempos* da hospitalidade – momentos nos quais se exercem as práticas sociais, e *espaços* da hospitalidade – ambientes nos quais a prática social acontece. Ao cruzar as categorias, variáveis surgem em 16 domínios (termo utilizado por Camargo), sendo a hospitalidade considerada área de estudo. Suas bases são fundamentadas em: doméstica; pública; comercial e virtual.

Ao relacionar a hospitalidade ao ambiente do “lar”, relação entre anfitrião e hóspede, define-se o *domínio privado*. O aprendizado social e de interação parte da convivência familiar. Godbout (1998) afirma que a essência da manifestação da Dádiva está na família, esfera doméstica. O receber gera laços importantes entre anfitrião e hóspede, proporcionando o bem-estar em todos. (LASHLEY e MORRISON, 2004).

A ligação entre a oferta, enquanto atividade econômica, e a hospitalidade define o conceito do *domínio comercial*. O poder público e iniciativa privada estão intimamente ligados nesse domínio. A hospitalidade é praticada para um fim comercial e não como caridade, baseia-se na oferta e na procura e tem como cenário a comercialização de serviços e produtos com base na troca monetária. (CRUZ, 2002)

Dencker (2004) afirma que a relação *comercial* é marcada pelo estabelecimento do custo benefício, com um caráter de eficiência. Torna-se válido ressaltar que, embora as práticas de mercado desgastem as relações pessoais, fica difícil desvincular a hospitalidade da Dádiva, pois o ser humano possui emoções e estabelece laços constantemente.

A hospitalidade no domínio social é vista como ambiente social, construído a partir de forças sociais, necessidades, produção e consumo de acomodação, alimentos e bebidas e entretenimento para as mais diferentes culturas. Considera-se, a fim de traçar reais necessidades e grau de importância de relacionamentos sociais de diferentes status, a cultura, o povo e o período histórico. (LASHLEY e MORRISON, 2004).

O contexto hospitaleiro, nesse domínio, atribui grande valor ao cenário sociocultural, uma vez que características, cultura, particularidades e componentes étnicos de um povo são o reflexo da forma de receber e prestar serviço a visitantes.

Para Grinover (2007) o urbano necessita de ordenamento nos espaços coletivos e exige regras a partir dos princípios da hospitalidade. A formulação de políticas públicas voltadas para o turismo e lazer demanda extrema atenção da administração pública. Espaços públicos passam a ser organizados, pela gestão pública, para a convivência entre moradores e turistas. Tais espaços passam a ser frequentados e possibilitam a criação de valores psicológicos e inter-relações sociais.

Mudanças nos setores ambientais, de locomoção, habitacionais, além de recuperação de estruturas degradadas, são condições essenciais para o estabelecimento da hospitalidade, pois possibilitam o acesso a identidade local para habitantes e visitantes. (GRINOVER, 2007)

Camargo (2004) afirma que a hospitalidade, no setor público, engloba o “receber público”, a “hospedagem pública”, o “alimentar público” e o “entreter público”. Questões urbanas estão profundamente ligadas dentro dessas quatro vertentes.

O hospedar público, com uma visão para além da hospitalidade hoteleira, refere-se a informações acerca da cidade, locais de transportes urbanos (terminais de ônibus, pontos de táxi). A gastronomia criada a partir da identidade da cidade está diretamente relacionada ao alimentar público. Equipamentos urbanos de lazer e eventos (parques, equipamentos de esportes, locais adequados para manifestações culturais), com o olhar mais voltado para o residente do que para os visitantes, referem-se ao entreter público. (CAMARGO, 2004).

Com o intuito de se consolidar a hospitalidade social, o espaço físico, seja natural, artificial, rural ou urbano, é um componente essencial. Parques, praças, jardins, paisagens, além de infraestrutura básica, tornam a cidade mais ou menos hospitaleira. Desta forma, a qualidade do espaço é extremamente importante nesse processo. (CASTELLI, 2005).

Grinover (2008), ao citar Alain Montandon, aborda a questão de a infraestrutura e os símbolos oferecidos pela urbe, sejam eles públicos ou privados, intensificarem a hospitalidade oferecida à população e ao visitante. De La Haba; Santamaría (2004, apud, Grinover, 2008), analisa a hospitalidade urbana com outro olhar: não há espaços hospitalieiros, mas locais em que há usos e ocupações hospitalieiras dos espaços.

Desta maneira, para Grinover (2008), a existência da Hospitalidade em uma cidade pode ser avaliada a partir de três dimensões: acessibilidade, legibilidade e identidade, baseadas em medidas geográficas e temporais.

Possibilidade de acesso aos cidadãos é um dos fundamentos da *acessibilidade*. Essa dimensão deve proporcionar não somente o acesso à atividades e serviços, mas ainda,

estabelecer a igualdade de oportunidades aos usuários urbanos. A acessibilidade é segmentada em dois grupos: física, tangível, e virtual, intangível. A física - tangível - engloba sistema de transportes e infraestrutura viária e localização de espaços, serviços urbanos (saneamento, educação, saúde, segurança, lazer, entre outros). Já a virtual – intangível – refere-se a cultura, informação e lazer, tornando o papel da cidadania fator primordial para a aproximação e interação social entre habitantes. (GRINOVER, 2007).

Sob essa perspectiva, o visitante deve se locomover, sem dificuldades; encontrar o que busca, em um tempo considerável; ser acolhido e bem tratado, além de ter a ordenação urbanística a favor de seu acolhimento. Essa acessibilidade necessita ser definida com base em questões que vão além do geográfico, questões que abordem o socioeconômico e a capacidade de cada equipamento urbano a ser utilizado. (GRINOVER, 2007).

A leitura de uma cidade feita por seus habitantes, visual e significativamente, define a *legibilidade*. Aspectos modernistas, históricos, geográficos, ambientais, culturais, entre outros, identificam a cidade por meio da legibilidade. (MORENO, 2002).

Ao considerar a legibilidade como a organização de lugares públicos e ordenamento da paisagem, observam-se constantes intervenções no cenário urbano – leis de zoneamento, que possuem como objetivo a coordenação e o planejamento de regiões em favor de melhorias. Porém, o que se verifica, na maior parte das vezes, é o não cumprimento desse planejamento, ocasionando desordens no conjunto urbano.

A *identidade* da cidade é representada por um conjunto de fatores como história, aspectos arquitetônicos, costumes – que remetem a momentos familiares. Essa identidade traz o sentimento de pertencimento dessa estrutura urbana. (YÁZIGI, 2001).

O pertencer remete a domínio, segurança, partilha de uma identidade de território. Esse pertencimento faz parte de uma das dimensões da hospitalidade quando associado ao acolhimento de imigrantes, a comensalidade à mesa, a aproximação da natureza. (MONTANDON, 2004).

Para Grinover (2007) a identidade é móvel, está em transformação constante, porém sempre ligada a suas origens. “A única possibilidade de construir a hospitalidade pressupõe a capacidade de conhecer a cidade como ela é, sobretudo, de reconhecê-la como realidade.”

### **3 - Espaços Públicos e Mobiliários Urbanos na Hospitalidade**

Espaço público é o espaço de uso coletivo aos usuários em geral, administrado tanto pelo Estado – administração pública – quanto pela iniciativa privada. Esse espaço permite o direito de ir-e-vir, ou seja, circulação, lazer e recreação. (YÁZIGI, CARLOS e CRUZ, 2000).

Grinover (2007) afirma que os espaços públicos expressam a cidade em sua forma arquitetônica e social. Permitem, ao mesmo tempo, comunicação e sociabilidade, aumentando assim a qualidade de vida da população.

Os espaços públicos são os lugares privilegiados para a vida cotidiana, para a sociabilidade, a civilidade, a ordem pública, a cidadania e a hospitalidade urbana. São os espaços públicos que dão a qualquer conglomerado urbano

a possibilidade de várias experiências espaciais, em terras de vivências humanas e de prazer estético; onde se possibilitam e se exercitam a escolha, a liberdade e a hospitalidade. (GRINOVER, 2007)

Faz-se necessário salientar que a cidade é um espaço artificial, construído pelo homem com o objetivo de se conviver em sociedade. O deslocamento das pessoas dentro das cidades é auxiliado pela paisagem urbana, pois é por meio de seus elementos formais que as pessoas identificam e armazenam na memória imagens e informações da cidade.

Os espaços são planejados com infraestrutura adequada, permitindo o desenvolvimento de atividade de entretenimento e lazer. Os atrativos turísticos estão aliados a bens e serviços de qualidade, definindo o espaço turístico. (GRINOVER, 2007).

Dentre os diversos logradouros do espaço turístico urbano está a praça. Boullón (2002), a conceitua como área nítida, relativamente pequena diante da superfície total de uma cidade, porém de extrema importância para a formação da imagem turística da mesma. Para Macedo (2003) a praça é definida como espaço livre urbano, destinado ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos.

Ao integrar todos os elementos da sociedade, a praça passa a ser também o lugar de articulação entre os diversos estratos sociais. Voltada ao lazer contemplativo, convivência da população, lazer esportivo, recreação infantil e lazer cultural.

Robba e Macedo (2003) atribuem às ruas importância crucial uma vez que trazem as pessoas que ocupam a praça, ao mesmo tempo em que afirmam que a manutenção dos espaços públicos da cidade é fundamental para garantir sua existência. Pode-se associar a falta de usuários a falta de manutenção, e esta é ocasionada pela falta de investimentos públicos. Dessa maneira, o espaço público perde o significado e fica vulnerável aos agentes da transformação urbana (poder público e mercado imobiliário).

As praças são conceituadas, ainda, como áreas verdes. Essas áreas são destinadas para comportar o verde urbano, além de um indicador importante para a qualidade ambiental. Ao substituir o verde das paisagens pelo concreto das construções nas cidades mudanças acontecem nos padrões naturais de percolação das águas, fazendo das áreas urbanas sinônimos de desequilíbrio dos ecossistemas e de vários processos de erosão. (LOBODA, 2003)

Por abrigar vasta vegetação em seu espaço, as áreas verdes arborizam as vias públicas e tal ação atenua ruídos, retém de pó, reoxigena o ar, além de oferecer sombra e a sensação de frescor.

Tendo como função a interatividade entre os espaços públicos e os usuários, além de elemento funcional, o mobiliário urbano é uma referência visual que identifica um espaço público, um bairro e até mesmo uma região. Mourthé (1998) define em seis as categorias de mobiliário urbano: elementos decorativos (esculturas, painéis); mobiliário de serviço (lixeiras, banheiros públicos, abrigos de ônibus); mobiliário de lazer (bancos de praça, mesas de jogos); mobiliário de comercialização (quiosques, bancas de jornal e revistas, bares em áreas públicas); mobiliário de sinalização (placas informativas); mobiliário de publicidade (outdoors).

Coerência no momento de implantação destes equipamentos no espaço público se faz de extrema importância. Mourthé (1998) afirma “é necessário considerar aspectos históricos, culturais e climáticos para que a busca da melhor qualidade de vida nos centros urbanos não implique em ruptura com a história e a cultura da comunidade”.

#### **4 - Estância Turística de São Pedro, SP**

O município de São Pedro, com sua população de 34.284 habitantes (IBGE 2015), localiza-se no centro do Estado de São Paulo e abrange uma área de 611 Km<sup>2</sup>. Integra a microrregião de Piracicaba, estando a 100 km de Campinas, 30 km de Piracicaba e a 180 km da cidade de São Paulo.

Sua topografia é composta por zonas montanhosas, planícies e baixadas, permitindo uma altitude na área urbana de 580m e 950m no alto da serra. Em decorrência de sua localização, os municípios limítrofes são Itirapina, Torrinha, Brotas, Águas de São Pedro, Charqueada, Santa Maria da Serra e Piracicaba. (IBGE, 2016).

A economia local baseia-se na agropecuária, indústrias (essencialmente enxovais) e serviços, sendo esse último o segmento mais ativo, principalmente na área turística. (SANTOS, 2009).

Sua fundação datada no ano de 1881, mais precisamente 22 de fevereiro, ocorreu devido a chegada dos irmãos Joaquim, Luís e José Teixeira de Barros. Todo o seu desenvolvimento econômico se deu por meio da plantação de café iniciada pelos escravos e, posteriormente, realizada pelos imigrantes italianos que lá chegaram. Diversas eram as fazendas de café que fizeram com que a economia local se alavancasse. (SANTOS, 2009).

Após a época áurea do café, a atividade artesanal do bordado passou a ser uma das principais fontes de renda da cidade. Essa técnica foi introduzida pelas mulheres das colônias italianas e perpassada pelas gerações graças aos ensinamentos de mães para filhas. O período áureo do bordado está compreendido entre os anos 1940 a 1980. Com o desenvolvimento dessa atividade, o município recebeu o título de Capital do Bordado e deu início, efetivamente, a atividade turística. (SANTOS, 2009).

No ano de 1979 o Governador do Estado de São Paulo, Paulo Salim Maluf, transformou a cidade em Estância Turística de São Pedro em decorrência da grande movimentação turística ocasionada pelo bordado. Segundo a Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo “Estâncias Turísticas são cidades com muitas tradições culturais, patrimônios históricos, artesanatos, lindas paisagens, centros de lazer, além de ótimos serviços de gastronomia”.

Atualmente a oferta turística da Estância de São Pedro se aprimorou. Para Beni (2000) entende-se como oferta turística o conjunto de bens e de serviços que são oferecidos ao consumo do turista, composta produtos dos setores primário (bens agrícolas para transformação e para alimentação), secundário (instalações, infraestrutura, etc) e terciário (transportes, setores bancários, seguros etc.). Para Dias (2005), a oferta turística é composta por: recursos turísticos - naturais ou culturais – incluindo clima, paisagem, parques naturais e temáticos, manifestações folclóricas e todo o patrimônio natural e cultural; serviços e

equipamentos turísticos - alimentação, hospedagem, entretenimento, agências de turismo, locadoras de veículos, farmácias, hospitais, postos de combustível, bancos, entre outros.

Os meios de hospedagem totalizam 34 empreendimentos, entre hotel, hotel fazenda e pousada; a gastronomia conta com aproximadamente 40 estabelecimentos, classificados em restaurante, lanchonete, churrascaria, petiscaria, entre outros; e atrativos turísticos totalizam 20, nos segmentos de aventura, de natureza e cultural.

Para o Ministério do Turismo (2010), o turismo de aventura teve sua origem associada ao ecoturismo. Atualmente define-se turismo de aventura os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo, pressupondo esforços e ricos controláveis. Os principais atrativos e atividades do município de São Pedro são cachoeirismo, cavalgada, voo livre, balonismo, passeios 4x4 e tirolesa.

O turismo de natureza, introduzido no país no final dos anos 80, tem como definição “[ ] segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista...” (MTur 2010). São Pedro possui como principais atrativos os parques municipais “Marcello Golinelli”, “Aureliano Esteves – do Cristo” e “Maria Angélica Manfrinato”.

A relação turismo e cultura é intrínseca e motiva diversas reflexões entre Ministério da Cultura e Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo - há anos. Para o Ministério do Turismo (2010) “Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas às vivências do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico cultural e dos eventos culturais...”. Atrativos culturais da Estância são Museu e Praça Gustavo Teixeira; Feira de Artes e Artesanato, Feira do Produtor Rural, Capela de Santo Antônio, Antiquário Vila Del Capo e Cachaças da Diretoria e Catedral.

Inserida nesse contexto, a hospitalidade definida como ato humano exercido em contexto doméstico, público e profissional, a fim de acolher pessoas deslocadas de seu hábitat natural, necessita de uma melhor compreensão, principalmente no desenvolvimento de alguns atrativos locais de São Pedro, uma vez que estudos acerca do tema são inexistentes. (GRINOVER, 2007).

## **5 - De Jardim Público à Praça Gustavo Teixeira – São Pedro, SP**

Registros jornalísticos, única fonte de pesquisa histórica escrita, apontam o ano de 1897 como marco do nascimento do Jardim Público de São Pedro. Em busca de um local para os passeios e encontros, jovens da cidade organizaram um espetáculo teatral para arrecadar fundos para a construção de um jardim. (SANTOS, 2009).

O Promotor Público da época, o grupo de jovens e alguns moradores da vila realizaram o espetáculo e, tamanha foi a repercussão, que outras peças teatrais foram organizadas para angariar fundos para a construção do Jardim. Notava-se o engajamento de toda a população em benefício das melhorias locais, todos estavam dispostos a ajudar, independente das condições sociais a que pertenciam.



O Jardim Público de São Pedro foi inaugurado em 31 de dezembro de 1897, com grande festa, queima de rojões e a animação da banda Aurora São-Pedrense. Registros de 1910 destacam o domingo como dia mais esperado da semana, pois os trabalhadores, após a árdua semana de serviços, vinham à cidade assistir a Santa Missa, visitar os parentes e amigos, e paquerar nos românticos passeios pelo jardim. (SANTOS, 2009).

A vida social da Vila concentrava-se no entorno do Jardim. Ao final das tardes de domingo, a banda tocava românticas baladinhas no Jardim, fechando com chave de ouro a programação do final de semana. As folias de momo aconteciam nas imediações do coreto, onde mulheres com fantasias e homens mascarados dançavam ao som da corporação musical Aurora São-Pedrense.

Na década de 1890, o Hotel da Nhá Bella era referência de educação a todos na vila. Localizado no Largo da Matriz, era também palco das mais importantes decisões políticas, uma vez que abrigava a sala onde eram realizadas as audiências judiciais.

Na década de 1920, o poeta Gustavo Teixeira costumava usar o Jardim Público como inspiração para seus poemas, e passava horas ali, observando o espelho d'água e escrevendo seus versos. (SANTOS, 2009).

Em 06 de setembro de 1937 por sessão magna da Câmara Municipal de São Pedro, presidida pelo vereador Felisberto Bottene e por unanimidade, outorgaram o nome de Praça Gustavo Teixeira ao antigo Jardim Público Municipal.

A tradição dos passeios no jardim foi se prolongando. Nos anos 60 e 70, os jovens encontravam-se nas tardes de domingo para o “footing”, onde meninos e meninas davam suas voltas em sentidos opostos, encontrando os olhares de quando em quando. As moças andavam na área mais interna da Praça, os rapazes no passeio de fora. Jovens reuniam-se na Praça antes das brincadeiras dançantes da Associação Desportiva e Recreativa Sampedrense. (SANTOS, 2009).

Palco de momentos históricos da cidade, a Praça Gustavo Teixeira abrigou em seu coreto discursos inflamados durante a Revolução de 1932. Nesse mesmo local, comícios eleitorais eram realizados, pois nas instalações da Associação Desportiva – localizada ao lado da Praça – aconteciam as apurações eleitorais.

Mesmo com o crescimento urbano local, no decorrer dos anos, a Praça continua a receber eventos importantes. Recentemente, foi sede de duas edições do Festival Nacional de Choro; abrigou, em seu entorno, o resgate cultural da colonização do município: Festa Italiana – gastronomia, decoração, apresentações artísticas com nomes renomados como Tony Angeli, Jerry Adriani e Agnaldo Rayol; apresentações teatrais e circenses; tradicional quermesse do Padroeiro “São Pedro”, entre outros. (SANTOS, 2009).

Ao abordar a parte estrutural da Praça, nota-se que a mesma possui: coreto central; postes de iluminação com design colonial e lâmpadas de led; busto do Poeta Gustavo Teixeira em sua área central; piso composto por pedras portuguesas; bancos de madeira; lixeiras; entradas com acessibilidade e piso tátil; bebedouros na área central.

A vegetação local é composta por: pau brasil, oiti, sibipiruna, ipê, angico, pata-de-vaca, agapanto, asplênio, hera da alegria, íris azul, lírio da paz gigante, moreia, periquito, singonio, entre outros.

Nas últimas décadas, a Praça recebeu quatro revitalizações. Todas mantiveram as antigas estruturas de corredores e canteiros e tiveram o acompanhamento da população, a fim de que não ocorresse nenhuma descaracterização.

## **6 - Hospitalidade Pública na Praça Gustavo Teixeira**

Este capítulo tem como objetivo analisar a estrutura física da Praça Gustavo Teixeira, na Estância Turística de São Pedro SP, sob o olhar da Hospitalidade Pública na dimensão da legibilidade.

Essa análise terá como base um levantamento fotográfico local em diversos momentos de sua história. Serão considerados: área verde, mobiliário urbano, espaço para lazer e identidade cultural.

### **6.1 - Análise da Praça Gustavo Teixeira em relação as áreas verdes**

Ao comparar a imagem 01, do ano de 1957, com a imagem 02, do ano de 2014, nota-se que o significado de área verde - comportar o verde urbano e arborizar as vias públicas – se faz existente.



Imagem 01 – Arborização no ano de 1957  
Fonte: Arquivo pessoal Sr. Neto Matarazzo



Imagem 02 – Arborização no ano de 2014  
Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de São Pedro, SP

## 6.2 - Análise da Praça Gustavo Teixeira em relação ao mobiliário urbano.

Ao comparar a imagem 03, do ano de 1914, com a imagem 04, do ano de 2014, nota-se que o significado de mobiliário urbano - elementos decorativos (esculturas – o chafariz foi substituído pelo busto do poeta Gustavo Teixeira depois); mobiliário de serviço (lixeiras); mobiliário de lazer (bancos de praça) – se faz existente.



Imagem 03 – Mobiliário Urbano no ano de 1914  
Fonte: Arquivo pessoal Sr. Neto Matarazzo



Imagem 04 – Mobiliário Urbano no ano de 2014  
Fonte: Prefeitura Municipal de São Pedro, SP

### 6.3 - Análise da Praça Gustavo Teixeira em relação aos espaços para lazer

Ao comparar a imagem 05, do ano de 1956, com a imagem 06, do ano de 2007, nota-se que a praça enquanto de espaço público - permite o direito de ir-e-vir, ou seja, circulação, lazer e recreação. Além do significado de espaço público, a praça também cumpre sua função de praça - espaço livre urbano, destinado ao lazer e ao convívio da população.



Imagem 05 – Encontro de amigos em 1956  
Fonte: Arquivo pessoal Sr. Neto Matarazzo



Imagem 06 – Histórias infantis para crianças em 2007  
Fonte: Prefeitura Municipal de São Pedro, SP

#### **6.4 - Análise da Praça Gustavo Teixeira em relação a identidade cultural**

Ao comparar a imagem 07, do ano de 1910 com a imagem 08, do ano de 2008, nota-se que o significado de identidade cultural - voltada ao lazer contemplativo, convivência da população, lazer esportivo, recreação infantil e lazer cultural - se faz existente.



Imagem 07 – Poeta Gustavo Teixeira compondo suas poesias em 1910  
Fonte: Arquivo pessoal Sr. Neto Matarazzo



Imagem 08 – Apresentação Orquestra de Viola São-pedrense em 2008  
Fonte: Prefeitura Municipal de São Pedro, SP

## 7 – Considerações Finais

O estudo realizado teve por finalidade compreender se há hospitalidade pública – dimensão legibilidade – na estrutura física da Praça Gustavo Teixeira, São Pedro SP, no decorrer dos anos.

Ao considerar espaço público, mobiliário urbano e hospitalidade na Praça da Estância Turística, por meio de levantamento bibliográfico e banco de imagens, deparou-se com diferentes análises e conclusões. A partir dessas análises, pode-se considerar os seguintes pontos:

- a) áreas verdes: existentes e funcionais;
- b) mobiliário urbano: existente, conservado e funcional;
- c) espaço para lazer: existente e utilizado para diversas atividades;
- d) identidade cultural: presente em diversas ações no decorrer dos anos.

Dessa forma, nota-se que a hospitalidade existe fisicamente na praça. Porém, tal estudo não conclui definitivamente a existência da hospitalidade, pois uma pesquisa referente a percepção dos usuários – moradores e turistas – se faz de extrema importância.

### Referências Bibliográficas

- BARRETTO, Margarita. *Espaço público: usos e abusos*. In YÁZIGI, E; CARLOS, A. F; CRUZ, R. C. Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hubitec, 2000.
- BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- BOULLÓN, Roberto. *Planejamento do espaço turístico*. Bauru: EDUSC, 2002.
- CAMARGO, L. O. L. *Hospitalidade*, São Paulo: Aleph, 2004.
- CASTELLI, Geraldo. *Hospitalidade na perspectiva da gastronomia e da hotelaria*. São Paulo. Ed: Saraiva, 2005.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Uma abordagem geográfica do fenômeno da hospitalidade turística*. In: DIAS, C. (Org). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo. Ed: Manole, 2002.

- DENARDIN, Vanessa Cibele Cauzzo e SILVA, Adriana Pisoni da. *Paisagem Urbana e Hospitalidade Pública* – Um Estudo em Praças de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Trabalho apresentado no VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul RS, 16 e 17 de setembro de 2012.
- DENCKER, Ada e BUENO, Marielys Siqueira. *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. Ed. Pioneira Thomson, 2004.
- DIAS, R. *Introdução ao turismo*. São Paulo: Atlas, 2005
- GODBOUT, Jacques. T. *Introdução à Dádiva*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, volume 13 nº 38. São Paulo, outubro de 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2013.
- GOTTMAN, Anne. (org). *Communications, nº 65 (L'ospitalité)* Paris: Editions Du soleil, 1997.
- GRINOVER, Lucio. *Hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.
- GRINOVER, Lucio. *A Hospitalidade e as Transformações Urbanas*. Trabalho apresentado ao NP - Comunicação Turismo e Hospitalidade, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.
- GRINOVER, Lucio. *A Hospitalidade na perspectiva do espaço urbano*. In: Revista Hospitalidade. Ano VI, nº 1, junho de 2009.
- IBGE. Disponível no endereço eletrônico: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355040&search=sao-paulo|sao-pedro>>, acesso no dia 10 junho 2016.
- LASHLEY, Conrad e MORRISON, Alisson. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004.
- LOBODA, Carlos Roberto. *Estudo das áreas verdes urbanas de Guarapuava-PR*. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Segmentação do Turismo*. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2009.
- MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, São Paulo, Editora Senac, 2004.
- MORENO, Júlio. *O futuro das cidades*. São Paulo. Ed. SENAC, 2002.
- MOURTHÉ, Cláudia. *Mobiliário urbano*. Rio de Janeiro: 2AB, 1998
- ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. *Praças brasileiras - Public Squares in Brazil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.
- SANTOS, Rodrigo Luiz dos. *São Pedro: Educação, Cultura e Turismo*. São Paulo: Noovha América, 2009.
- SILVA, Maria da Glória Lanci. *Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer*. São Paulo: Aleph, 2004.
- SPOLON, Ana Paula Garcia. *Sobre os domínios da Hospitalidade: revisão teórica e proposições*. Trabalho apresentado no VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, São Paulo SP, 10 e 11 de setembro de 2009.
- YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar. Turismo, planejamento e cotidiano*. Ed: Contexto. 2001.